

Perfil de Carlos Brito: “Sem audácia não se vai lá!”

16 Janeiro, 2025



“Sem audácia não se vai lá”, disse-nos Carlos Brito, na conversa que tivemos com ele.

Ao longo de hora e meia, fomos testemunhas privilegiadas da sua vida audaciosa, desde a infância feliz, em Alcoutim, aos anos de resistência antifascista, ao seu papel histórico na construção da democracia portuguesa como deputado da Constituinte e depois à Assembleia da República, durante 15 anos, como presidente do Grupo Parlamentar do PCP – partido do qual se afastou após ser sancionado -, e como fundador e dirigente da Associação Renovação Comunista.

São 91 anos de vida plena e que continua nos dias de hoje a ser vivida entre a atividade política e a atividade literária, sem se enredar em rotinas que cristalizam o espírito. E é esse espírito de liberdade e lucidez e o sentido de humor de sempre que partilhamos com os leitores da Enfermagem em Foco, neste Perfil.

Nasce em Maputo e vem para Alcoutim com 3 anos. O que levou a sua família a fazer essa mudança?

[Foram] os meus avós maternos, com quem também vim. O meu avô foi um funcionário colonial com certo destaque e chegou à idade da reforma. Foi esse o motivo da mudança. A minha mãe, por razões várias, da relação com o meu pai, resolveu acompanhá-los.

Vivemos em Lisboa durante um ano, os meus avós alugaram um apartamento perto da Alameda Afonso Henriques, que nessa altura eram só terras. Depois, a minha avó, que tinha uma personalidade muito forte e era de Alcoutim, começou a desafiar a família para vir para Alcoutim. Ela e o meu avô foram morar numa casinha e disseram à minha mãe – que ainda ficou em Lisboa um tempo e fez um curso de secretariado e línguas:

“Fernanda, já tens a casa mobilada”. E nós viemos morar para aqui, para esta casa. A Fernanda, quando chegou cá com os seus filhos, já tinha a casa toda mobilada, com tudo pronto a habitar.

Depois, fui-me adaptando. Era um puto *alcoutenês* [com sotaque] como os outros, andava sempre no rio, aprendi a nadar muito cedo, a remar, todas essas atividades do rio, aprendi tudo isso muito cedo, a pescar.

E como foi viver aqui a infância e a adolescência durante o regime salazarista, como era aqui a vida?

Eu comecei muito cedo a ter uma noção do regime salazarista porque o meu pai era um deputado político, era deputado da Assembleia da República quando foi o 28 de maio e depois participou nas primeiras tentativas revolucionárias contra o regime fascista, nomeadamente na Revolta de 1927, em que os republicanos foram derrotados pelos fascistas.

O meu pai, a certa altura, foi preso e deportado para Lourenço Marques. Por isso, conhecia melhor, de ouvido, a família do Afonso Costa do que o Salazar. A minha mãe, apesar de se terem separado, era toda republicana e o meu avô também.

Sentia-se medo aqui?

A princípio, não tinha noção disso, vivia a minha vida de miúdo feliz, felicíssimo com essa atividade toda do rio e das brincadeiras. Depois, comecei a perceber que havia medos, em casa havia conversas que não se podia ter com todas as pessoas, conversas que eram só para a família e fui-me apercebendo que havia uma situação de coação. Quando entrei na instrução primária, apercebi-me da propaganda salazarista e fui-me tornando antifascista.

E como surge a paixão dos livros? Eu sei que só publica o primeiro livro nos anos 90, mas de onde vem essa paixão?

Começou em Lisboa. Tive sorte, fui aluno da [Escola] Veiga Beirão e tive muitos bons professores de português, que me despertaram para a leitura, para a poesia. Comecei a decorar versos e a dizer versos e foi por aí.

Também comecei a ter contacto com jovens que também tinham preocupações e interesses literários e criámos um grupo que colaborava com os jornais de província, tínhamos os nossos jornais preferidos para onde mandávamos as nossas pequenas crónicas da capital. Logo, desde cedo, colaborei com o jornal que se publica em Vila Real de Santo António, o *Notícias do Algarve*.

Até colaborei na prisão, escrevia para a minha mãe e no meio havia um artigo que a minha mãe separava e levava ao jornal. Até que fiz uma crítica da *Gabriela, cravo e canela* e a PIDE deve ter lido o artigo e disse “Alto lá, alto lá”. Acho que assinava Alfredo Brito. A partir daí, as cartas para a minha mãe passaram a ser muito censuradas e mandavam-nas para trás.

Com 17 anos, aderiu ao MUD Juvenil.

Entretanto, nestas relações de moços, ainda na [Escola] Veiga Beirão, houve um primo mais velho do Filipe Costa, que era meu colega aí, éramos os dois alunos do Quadro de Honra. O Filipe Costa contou-me que o primo tinha fugido para Marrocos porque era do MUD Juvenil e começámos com muita curiosidade. Depois, quando fui para o Instituto Comercial, equivalente ao ISCAL, aí encontrei pessoal do MUD Juvenil e, quando eles me disseram, era mesmo do que eu estava à espera. Tornei-me logo um militante muito ativo.

Em que é que consistia essa militância?

Primeiro, é uma ação de esclarecimento junto dos colegas, também como uma atividade dentro da própria escola. Fazendo cadernos reivindicativos sobre vários aspetos das disciplinas, das aulas, dos intervalos e da Associação de Estudantes, que era também um importante centro de educação política e cidadã. No tempo da ditadura, as associações de estudantes tiveram um papel importantíssimo na formação da juventude, desde a cidadania até à ação política. Era um ponto de esclarecimento, de conflito e de confronto com o regime, que proibia certas atividades. Proibia o direito de associação, limitava-o o mais que podia, e por aí fora.



Recorda-se de alguma peripécia dessa altura?

Fui preso com 20 anos – era aderente do MUD Juvenil, não se chamava militante – e fui preso no Aeroporto de Lisboa, numa movimentação de democratas de apoio à escritora Maria Lamas, que tem muitas obras sobre a condição feminina e que, nessa altura, estava a escrever um livro intitulado *A mulher no mundo*. Nos países que visitou, para fazer esse balanço, visitou a União Soviética e deu uma entrevista à Rádio Moscovo, a título pessoal, e percebeu logo que isso não ia passar cá e que a PIDE a iria prender quando regressasse, no Aeroporto. Então, houve uma movimentação de democratas em Lisboa de apoio e fomos esperá-la ao Aeroporto e protestar, para que ela não fosse presa.

O avião atrasou e, à hora do almoço, o número de pessoas que estavam reduziu-se um pouco porque foram almoçar. A PIDE aproveitou a circunstância e começou a prender todos os que estavam ainda à espera. Eu fui preso, com mais 50. Ficámos conhecidos como *Os 50 do Aeroporto*.

Fizemos logo uma atividade no Aeroporto porque nos puseram, por acaso, numa cave, numa sala que tinha telefone e começámos logo a ligar aos jornais. Entre os presos, estava o Arq. Keil do Amaral, que tinha sido o arquiteto do Aeroporto, o escritor António José Saraiva, o político Ângelo Rodrigues, que foi depois Presidente da Câmara depois do 25 de abril. Gente muito conhecida, pegaram logo no telefone a dizer que tínhamos sido

presos.

Depois voltou a ser preso.

No seguimento dessa prisão, fui recrutado para o PCP.

Eu conhecia o escultor Dias Coelho dessas atividades literárias, do tal grupo que escrevia para os jornais de província. Eu morava numa casa de estudantes, ao pé das escadinhas da Mãe d'Água, e aparece-me uma visita do Dias Coelho, que já era um escultor conhecido. Disse-me que queria conversar comigo, mas não ali, que estavam por ali muitos estudantes. E depois, já sozinhos, disse-me que tinha a incumbência, por parte do Partido Comunista Português, de me convidar para o Partido. Nestas circunstâncias, e naquela altura, o que é que uma pessoa faz? Foi assim, depois de ter estado preso.

Quando voltou depois a ser detido?

Voltei a ser detido quando já era funcionário do partido. Deixei o emprego de contabilista, mas mantinha a matrícula no Instituto, para completar melhor o disfarce. Eu era chefe de escritório de dois amigos aqui de Alcoutim, mas fui sempre mantendo cadeiras no Instituto Comercial. A certa altura, uns amigos do Instituto até queriam eleger-me para a Associação de Estudantes.

O que fazia, enquanto funcionário do Partido?

Fazia esclarecimento, fazia recrutamento.

Tudo muito escondido?

Sim, tudo muito escondido. Eu tinha enorme atividade, contactava imensa gente.

Um dia, estava a almoçar com a minha mulher de então quando os tipos apareceram e fui preso. E depois fugi da cadeia.

Onde estava preso da segunda vez quando fugiu?

Fui preso em outubro de '56 e fugi do Aljube em maio de '57, estive só 9 meses. Depois, fui preso em '59 e só saí em '66 da cadeia.

Dessa última vez, porque foi preso?

Estava na clandestinidade.

Como é que fugiu da prisão?

Caxias estava em obras, a cadeia do Aljube estava com muita gente. Eu estive muito tempo nas celas, mas depois passaram-me para uma sala onde éramos quase quarenta. Nós, com tanta gente, dissemos: "Isto está aqui uma base para lutas prisionais". Fizemos um caderno de luta reivindicativa, sobre visitas, a hora da visita, as condições

da visita eram péssimas. O parlatório tinha duas redes e entre elas passeava-se um guarda, enquanto falávamos. O guarda estava ali, não havia a mais pequena intimidade. Portanto, era as visitas, a alimentação, as condições de habitação, os lençóis, tudo o que tínhamos para nos queixar. Então, a PIDE interveio logo e separou os cabecilhas, geralmente os que eram funcionários do partido. Mandou-nos para uma enfermaria que estava desocupada.

Nós, logo que chegámos às novas instalações, tínhamos isso como orientação para vermos logo as condições da fuga porque a primeira tarefa do preso era procurar a maneira de fugir. Começámos a analisar as condições e havia condições. Esse tal andar era um andar recuado e à frente corria o algeroz, não sabíamos bem a profundidade, mas fomos depois estudando qual seria a profundidade que dava para se passar. E chegamos à conclusão que dava para se passar. Andámos a fazer os estudos que se podiam fazer e organizámos a fuga serrando as grades e fazendo uma janela para passarmos para o algeroz. Isto foi complicado, meter a serra lá dentro da cadeia, entrou nos sapatos de um dos presos. Depois o serrar era também complicado porque aquilo fazia muito barulho, só se podia serrar a certas horas, à hora da visita, em que a cadeia estava cheia de barulhos.

Toda essa preparação demorou algum tempo.

Sim. E durante esse tempo fazíamos rondas noturnas, durante a noite estávamos sempre dois acordados para ver o que se passava na cadeia. Quando se substituíam os guardas, de quanto em quanto tempo, como eram as rondas que faziam.

Até que chegou a altura em que a grade estava pronta. Íamos pintando, com miolo de pão e com aguarela da cor das grades. Depois da serra, fazíamos o disfarce. Até que chegou a altura de arrancar a grade e começamos a passar. Fugimos três, nem todos quiseram fugir. Uns porque tinham vertigens, outros porque estavam a terminar a pena.

Depois ficou a monte durante algum tempo?

Eu fiquei clandestino, até ser preso, em 1959.

Como é que o encontram?

Foi um disparate. O Carlos Aboim Inglês foi preso e deixou na casa a mulher e a filhota, muito pequenina, a Guida. Nós os três, eu, o Carlos e a Cândida Ventura, constituíamos a Direção Regional de Lisboa. Eu decidi que íamos lá buscá-las, mas tínhamos de saber se haveria problemas. Telefonei e a Maria Adelaide, a mulher do Carlos, disse-me que estava tudo normal. Eu dirigi-me a casa para as ir apanhar, na Picheleira. Quando entro no pátio, estava um senhor à porta do rés do chão e diz: “Boa tarde, senhor agente”. Vi logo que já estavam lá dentro. Ainda tentei safar-me, mas atacaram-me, puseram-me num banho de sangue. Na rua, quando descemos para me meterem na carrinha, juntou-se povo e houve logo umas vozes que disseram: “Esse homem precisa de ir para o hospital”. Acabaram por me levar para o Hospital de São José.

Na rua, na Picheleira, disse às pessoas que ia ser preso, que era um perseguido político, que fazia parte do Partido Comunista Português. No Hospital de São José, quando cheguei à porta, estava uma multidão de gente à espera de ser atendida e eu cheguei e voltei a fazer o meu discurso: “Sou perseguido político”. Levei mais murros e pontapés e meteram-me num corredor. Até que vêm dois médicos ao nosso encontro e eu começo a dizer o mesmo aos médicos. O cirurgião, que era o chefe de equipa, perguntou aos agentes: “Os senhores quem são?” E eles disseram “Somos da Polícia Internacional e de Defesa do Estado e este preso é perigoso”. E ele diz: “Então ponham-se na rua, isto é só para doentes”. Depois fiquei ali e o diretor do banco cheio de simpatia. Isto foi logo a seguir às eleições do Delgado, por isso isto era gente tocada também por essas circunstâncias. Começaram a

fazer exames a tudo, mas eu estava são que nem um pero. A PIDE voltou a pressionar e à noite tiveram de me deixar ir.

Entretanto, as enfermeiras começam a dizer: “Ele é de Alcoutim, é a terra da Ivone. Vamos buscar a Ivone”. Mas ela não estava de serviço. Ela, no dia seguinte, escreveu à minha mãe a dizer que o Carlos passou aqui pelo Hospital de São José, ia muito ferido, mas não de gravidade. A minha mãe mete-se na camioneta e vai até Lisboa e começa a exigir estar comigo e eles muito admirados, como é que ela soube, lá em Alcoutim.



Enquanto esteve na clandestinidade esteve sempre em Lisboa?

Não, estive no Porto, fui responsável pela Organização Regional do Norte, durante uns anos. Vim para Lisboa como responsável pela Organização Regional de Lisboa, em 1972. Estava em Lisboa no período áureo, na caminhada para o 25 de abril.

Cai o regime e assume funções na Assembleia Constituinte.

Pois.

Como foi essa experiência?

Foi interessantíssima. Os deputados tomaram muito a sério aquela tarefa, com um sentido muito patriótico. Os mais altos líderes políticos estavam muito ocupados com a luta do dia a dia, com os problemas do Governo Provisório. Tanto o Cunhal, como o Mário Soares, como o Sá Carneiro. O Freitas do Amaral era diferente, estava na Assembleia, tinha pouco trabalho, não era como os outros três.

Os deputados foram avançando com o seu trabalho, um pouco à rédea solta, seguindo os programas dos

partidos. No caso do PS e do PSD, eram bastante demagógicos mesmo em relação ao socialismo, a medidas socializantes, um pendor de esquerda. Isso facilitou muito o trabalho e as negociações porque eles tinham, como alicerces, os programas que os partidos levaram às eleições para a Assembleia Constituinte.

Resultado, quando chegou o momento de aprovar a Constituição, o Cunhal ficou surpreendidíssimo porque nunca tinha pensado que, com aquela composição da Assembleia, com maioria do PS, com o PSD com um grande grupo parlamentar, nós com 12% só, ele não acreditava que fosse dar uma Constituição como aquela que tínhamos nas mãos e tornou-se a partir daí um dos maiores defensores da Constituição. O Mário Soares disse logo: "Isto é trabalho do PS!" E logo se vangloriou e, com isso, tapou alguns aspetos com os quais talvez não estivesse de acordo. O Sá Carneiro, pelo contrário, começou logo uma conspiração para que aquele texto fosse levado a referendo e começou a conspirar com os militares. É isso que leva o Costa Gomes a ir promulgar a Constituição à Assembleia da República, para não lhes dar espaço. No próprio dia, acabámos ao fim da tarde de votar a Constituição, num ambiente patriótico, cantámos *A Portuguesa*, e à noite o Costa Gomes promulgou a Constituição, uma coisa excepcional da Mesa da Assembleia da República, na altura Mesa da Assembleia Constituinte.

Entretanto, tinha-se dado o 25 de novembro e, ao contrário do que canta a direita, o 25 de novembro não foi uma vitória da direita, não foi uma vitória da contrarrevolução, como eles apregoam.

A direita não ficou satisfeita com o que aconteceu, eles queriam uma contrarrevolução a sério. Mas o "Grupo dos Nove", um grupo democrático, moderado, com figuras que tinham tido um papel importantíssimo na Revolução e que tinham uma visão de esquerda, como o Melo Antunes e o Costa Gomes, tinham preparado as coisas. O poder ficou nas mãos do Costa Gomes. Tentaram então uma revanche na altura da Constituição, ainda tentaram uma nova conspiração militar para ver se a Constituição não era aprovada.

Com a Constituição em vigor, como foram esses anos seguintes de trabalho na Assembleia?

Foram muito interessantes, mas, entretanto, as forças da direita e, nalguns casos, acompanhados por moderados, não propriamente de direita, mas setores moderados, foram conseguindo fazer uma certa erosão do que era mais avançado na Constituição. Nas sucessivas revisões da Constituição foi-se sempre perdendo alguma coisa.

Esteve como Deputado quinze anos, não foi?

Sim.

Há alguma altura ou situação que recorde com mais carinho?

Imensas. Nesse natal... A Constituição foi aprovada em 1976 e, entretanto, forma-se o primeiro Governo do Mário Soares, que é um Governo minoritário. No natal desse ano, eu estou em casa, já a falar da ceia, e recebo um telefonema do Mário Soares a dizer que a direita ia votar contra o Orçamento e queria falar comigo para eu falar com o Cunhal, para se fazer alguma coisa. Abrimos negociações com o PS para encontrarmos uma saída que nos permitisse votar a favor ou abstermo-nos. Chegámos a uma plataforma para a abstenção.

Entretanto, o Governo de Soares dá uma grande viragem à direita, aquilo que nós chamamos a contrarrevolução legislativa. Ainda se tentou negociações algumas vezes, mas já não conseguimos, como no caso das nacionalizações. Aí, ele já estava demasiado comprometido. Numa noite, ainda estive ao telefone com o Jaime Gama, mas não conseguimos. Liguei ao Cunhal e ele disse: "Então, votamos contra". Ninguém sabia. Quando votámos contra, ouviu-se um grande barulho nas Galerias, que estavam cheias, de surpresa. Era uma moção de confiança e o Governo caiu.

Já tinha sido pai nessa altura?

Fui pai na altura em que foi eleito o General Eanes.

Como foi essa experiência?

Foi maravilhosa, nasceu a minha filha Rita.

Procurou sempre ser um pai atento e presente?

Sim, com a Rita falo todos os dias e com a minha filha Ana falo quase todos os dias. E agora também com as minhas netas, já trabalho com elas para a escola.

Porque é que saiu do PCP?

Por divergências políticas, nalguns pontos capitais.

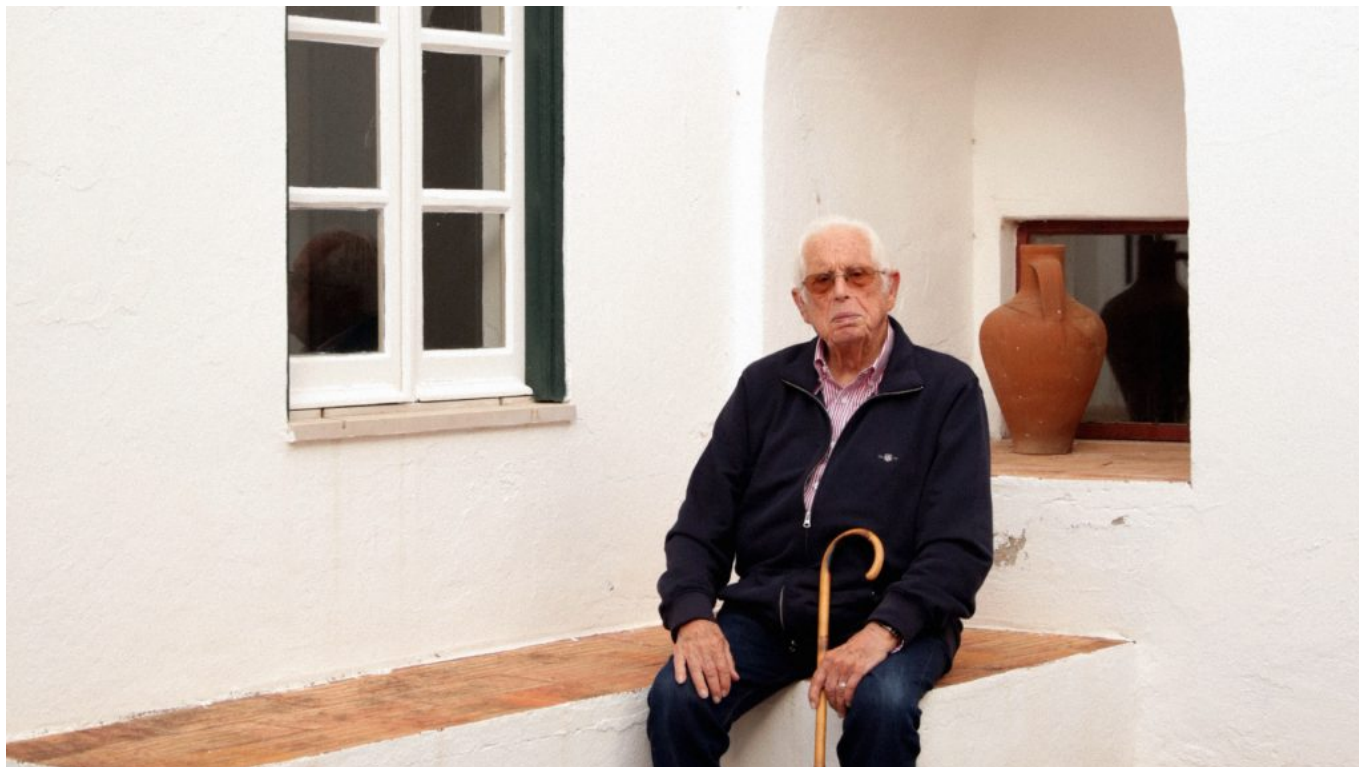
Entretanto fiz parte de um grupo de ex-militantes do Partido e outros líderes de esquerda que nunca foram do PCP e criámos uma associação que se chama *Associação Política Renovação*. Fizemos 20 anos de existência e nessa altura publicámos um livro sobre as razões da separação, as posições todas que tivemos.

Hoje em dia, não se arrepende de ter tomado essa decisão?

Não. Eu tive uma polémica com o Cunhal e depois escrevi uma carta à Direção do Partido.

Eu propunha que nós abolíssemos a designação marxista-leninista e que o PCP fosse marxista, embora com todo o respeito pelo Lenine, como figura, mas sem respeito pela forma marxista-leninista que estava ligada às piores perversões do comunismo no mundo inteiro, incluindo na União Soviética. E propunha uma política de alianças de muito maior abertura com outros partidos da esquerda da área democrática. Eram os dois pontos essenciais, e alguns de funcionamento interno, o princípio democrático e não o centralismo, isto é, o princípio democrático sem centralismo. Eram as três grandes ideias.

Depois, fui sancionado, fui suspenso 10 meses. Deixei passar um ano, não me disseram nada e então decidi que era eu que me autossuspendo. Eu não me demiti, estou autossuspenso, até hoje, em resposta à suspensão.



Quando saiu da política ficou com mais tempo para a escrita?

Não, eu não saí da política, estou na Associação. É uma associação de voluntários, às vezes com mais disponibilidade e outras menos, mas não sai nada da política. Ainda houve agora uma Cimeira Ibérica onde trataram muitos assuntos, desde a questão da água, dos rios peninsulares, designadamente do Guadiana, desde a questão da ferrovia e foi feito o compromisso entre o Governo de Espanha e o português em relação a uma ponte em Alcoutim, de que eu sou um dos grandes batalhadores.

Por que é que defende a construção da ponte?

Por um lado, para aproximar ainda mais as duas populações e porque estou convencido que vai dinamizar a vida económica em cada uma das povoações. Defendo a ponte como uma via de desenvolvimento de toda esta zona algarvia e do Baixo Alentejo. Defendo que a ponte tenha uma ligação com o IC27, que este seja prolongado até Beja e passamos a ter uma via nova de ligação Lisboa e Sevilha, por estradas secundárias, o que dará sempre origem ao nascimento de novos setores económicos. Serve como via de promoção económica.

Acha que desta vez vai mesmo acontecer?

Estou otimista, mas sempre com um bocadinho de reserva. É um avanço. Até agora, o que estava a entrar era a construção dos acessos, do lado de Espanha, pois a ponte está no PRR português. Agora os espanhóis tomaram essa responsabilidade de serem eles a construir os acessos.

Paralelamente a este pensamento político, continua a escrever ainda?

Deixe-me dizer-lhe, a propósito do pensamento político, que estou muito preocupado com o Serviço Nacional de

Saúde. Noutro dia, ouvi esta frase: “Se é público ou privado não interessa ao cidadão, o que interessa são os cuidados”.

Isto é ingénuo, como se o serviço que se presta ao cidadão não tivesse que ver muito, e acima de tudo, com ser público ou ser privado. E até sabemos, por exemplos simples, que há pessoas que vão ao privado fazer certas intervenções cirúrgicas e depois os seguros deixam de pagar e elas vêm para o público, para terem o tratamento que no privado não lhes asseguram. Mas o que é importante é um serviço que garante um serviço de saúde a sério à população portuguesa. Isso só é assegurado pelo Serviço Nacional de Saúde.

Continuo a escrever, mas não posso ainda falar sobre isso, é um livro longo.

Tem 91 anos. Provavelmente, ao longo da vida, teve de recorrer algumas vezes ao SNS e queria perguntar-lhe como foram essas experiências, como se sentiu acolhido e tratado.

A última experiência foi há pouco tempo, há uns 4 anos. Foi-me retirada a vesícula, que já estava num estado muito deplorável. A operação teve de ser repetida. Eu sou um doente das coronárias e tomava um comprimido para tornar o sangue mais fino e deve ter ficado alguma coisa e o sangue ficou a verter, ou algo assim. Passados três dias de ser operado deram-me alta e dois dias depois começo a vomitar sangue e fui de urgência, para ser tratado com transfusões de sangue porque não conseguiam parar a hemorragia. Isto no Hospital de Faro. Fui excelentemente tratado. Sobretudo a relação com o pessoal de enfermagem e com os médicos. Até escrevi uma notazinha para o *Jornal do Algarve*. Ainda estive 3 meses no Hospital de Faro e depois passei para o Hospital de Loulé, onde estive a convalescer e recuperar. O mesmo serviço ótimo.

O difícil é entrar no Serviço Nacional de Saúde. Quem vai pelas Urgências encontra situações complicadas. Por exemplo, eu agora não passei por isso porque fui logo de urgência para dentro, mas a Rosa, a minha mulher, tem passado pelas Urgências e vejo o que tem padecido.

Como vê o futuro dos sindicatos, a 10 ou 20 anos?

Está nas mãos das forças sindicais democráticas esse objetivo. Eu creio que o movimento sindical hoje, no nosso país, tem um saber e uma experiência e quadros que lhe permite enfrentar as ofensivas. Eu confio nisso. Por mais insidiosas que sejam as ofensivas dos governos de direita, o pessoal está suficientemente maduro para percebê-los.

Os sindicatos, os sindicalistas, os trabalhadores no geral têm mais dificuldade nesta sociedade individualista, que não tem facilitado a organização dos trabalhadores. Essa vai sendo a experiência que vamos partilhando nos vários sindicatos. Como é que poderíamos minimizar este sentimento individualista?

Trabalhando. Não há outra maneira, é trabalho.

E a questão das rotinas porque, às vezes, estas estruturas vão fazendo igual ao que sempre têm feito, caem em certas rotinas. Eu entendo que, de vez em quando, é preciso dar um grito de Eureka! Descobrimos aqui outra porta para avançar. É preciso iniciativa.

Uma das coisas em que eu também me rebelei, dentro do PCP, é a tendência para a rotina, para se fazer exatamente igual ao que se tem feito, com a ideia de que isso é que é ser ortodoxo, não mudar. Não. É preciso mudar, é preciso inovar.

Queria perguntar-lhe pela atualidade política portuguesa, porque temos vindo a assistir à ascensão da extrema-direita e queria saber como imagina que o futuro vai ser, a médio prazo, com esta ascensão, o que antevê.

Eu quero crer que as forças democráticas vão sustentar o essencial das conquistas que fizemos, em termos dos direitos fundamentais da população e das condições. Tenho grandes esperanças que isso aconteça e as forças democráticas, do meu ponto de vista, têm uma enorme responsabilidade para que isso aconteça.

Então não está demasiado preocupado?

A curto prazo, estamos numa fase em que a alternativa não está ainda firmada. A alternativa, na minha opinião, passa pelo PS e pelos partidos da esquerda. Isso não está de maneira nenhuma firmado e por isso é preciso trabalhar para firmar. Em breve, temos eleições autárquicas e é uma oportunidade da esquerda se afirmar e eu confio que o saiba fazer. Têm a responsabilidade de responder de uma forma adequada à situação e de não facilitar.

O que é que ainda lhe falta fazer, aos 91 anos?

Concluir o livro que estou a escrever.

A edição completa da *Enfermagem em Foco* está disponível [neste link](#).